

Eulalia viridis

© Susana Ferreira



Nome comum | Minhoca-verde

Nome científico | *Eulalia viridis* (Linnaeus, 1767)

Classificação taxonómica | Animalia (Reino) > Annelida (Filo) > Polychaeta (Classe) > Errantia (Subclasse) > Phyllodocida (Ordem) > Phyllodociformia (Subordem) > Phyllodocidae (Família) > Eteoninae (Subfamília) > *Eulalia* (Género)

Morfologia geral | Minhoca de cor verde. Cabeça pequena, redonda, com 2 olhos, 5 antenas, 4 pares de cirros tentaculares, proboscis desinvaginável, sem maxilas. Corpo com 5 a 15 cm; 60 a 200 segmentos; parápodes com cirros dorsais grandes, verdes, triangulares, em oposição aos cirros ventrais pequenos e ovais.
(Características a destacar)

Função no ecossistema | Forrageador carnívoro, mais conhecido por ser necrófago.

Reprodução e ciclo de vida | Gonocórica (sexos separados). Dispersão de gâmetas, fecundação externa. Desenvolvimento indireto. Larvas planctónicas transportadas pelos movimentos da água.

Distribuição | Zona entre marés das costas rochosas do Mar do Norte, Oceano Atlântico Oriental, Mar Mediterrâneo e Mar Báltico.
(Habitat, distribuição geográfica e abundância)

Potencialidades do recurso | Esta espécie apresenta um potencial para a extração de componentes bioativos. Nomeadamente, uma toxina proteínica fluorescente encontrada no muco da pele, com propriedades fotoquímica e toxicológica. Esta combina as capacidades de atuação como toxina, que liga a uma classe específica de ligantes e como agente fluorescente, que pode ser ligado/desligado por alteração do seu estado redox. Revelou ter potencial como agente
(Apanha, aplicações, biotecnologia)

Financiamento



Operador do programa



Parceiros



antitumoral, especificamente sobre a linha celular de adenocarcinoma humano MCF7 (cancro de mama).

Curiosidades | Apesar de ser referida como maioritariamente necrófaga, há alturas em que estes animais se defrontam com outras espécies de poliquetas, matando-as e alimentando-se das mesmas. Estes confrontos ocorrem na superfície das rochas onde predominam as algas verdes (onde melhor se conseguem camuflar), durante os períodos de baixa-mar.

Referências

Campbell, A., Nichols, J. (1976). Country life guide for the seashores and shallow seas of Britain and Europe. The Hamlyn Publishing Group Limited.

Hayward, P., Nelson-Smith, A., Shields, C. (2001). Collins Pocket guide to the Seashore. Harper Collins, London.

Saldanha, L. (1995). Fauna submarina Atlântica. 3ª Edição. Publicações Europa-América, Mem Martins.

Rodrigo, A.P., Lopes, A.R., Baptista, P.V., Costa, M.H., Fernandes, A.R., Costa, P.M. (2019). The great biotechnological potential of a marine polychaete: An alliance between toxin and natural fluorescence. Frontiers in Marine Sciences Conference Abstract: IMMR'18 | International Meeting on Marine Research 2018. DOI: 10.3389/conf.FMARS.2018.06.00015

Rodrigues, N.V., Maranhão, P., Oliveira, P., Alberto, J. (2008). Guia de espécies submarinas: Portugal, Berlengas. Instituto Politécnico de Leiria. 231 pp.

Financiamento



Operador do programa



Parceiros

